

Excelentíssimas Entidades civis, militares e religiosas

Digníssimos Convidados

Combatentes de Portugal

Cidadãos portugueses

Em nome da Comissão Organizadora deste 26º Encontro Nacional de Combatentes cumprimento e agradeço a presença de tão ilustre e vasta assembleia que enche este recinto.

Sei que estou na presença de portugueses que dedicaram a sua vida ao serviço de Portugal, em diversos setores de atividade e, com o seu exemplo, ilustram a nobreza de espírito, a cidadania ativa, a dignidade e o patriotismo.

Patriotismo na determinação de defender militarmente o País se necessário, mas também no empenho de, em tempo de paz, trabalhar em prol do progresso e do bem comum dos portugueses. Patriotismo como um estado de espírito. Patriotismo como uma manifestação de coerência entre palavras e atos. Patriotismo como disposição de dar o melhor ao País sem qualquer interesse de ordem pessoal.

Estamos aqui reunidos, de novo, no dia de “Portugal, de Camões e das Comunidades”, para *celebrar Portugal e honrar os seus combatentes*.

Os combatentes de várias raças, etnias, credos, crenças, tendências, identificações e origem social. Todos representados, física e espiritualmente, nesta cerimónia em que cristãos e muçulmanos, unidos pelo mesmo sentimento, oram pelos antigos combatentes que professaram as duas religiões. Uma cerimónia improvável e porventura pouco compreensível para quem não a conheça bem. Seguramente, uma cerimónia singular, realizada num País singular.

Fazemo-lo, simbolicamente, junto ao Monumento aos Combatentes, edificado em 1994, num local em que o amplo estuário do rio Tejo se abre ao mar alto e às terras de além-mar.

Apesar das suas linhas direitas, simples e austeras, com o pórtico virado ao céu, este Monumento tem uma dignidade que se ajusta à grandeza de alma, sobriedade e retidão de carácter daqueles que pretende homenagear.

Participamos numa cerimónia pública promovida por cidadãos - militares e civis - que entendem, por razões de consciência, dever homenagear os antigos combatentes do Ultramar.

Para muitos dos presentes trata-se, também, de um momento, de comemoração íntima, de partilha de recordações e de vivência de memórias pessoais. Um momento de reencontro com o passado em que as emoções são frequentemente mais fortes do que as palavras.

Recordando o Padre António Vieira, «o efeito da memória é levar-nos aos ausentes, para que estejamos com eles, e trazê-los a nós, para que estejam connosco». Esta frase, com mais de quatro séculos, aplica-se inteiramente à natureza e ao propósito desta cerimónia.

A maioria dos mobilizados de então teria cerca de vinte anos e estava na verdura da mocidade. Muitos experimentaram os riscos da guerra, suportaram enormes sacrifícios, revelaram uma surpreendente capacidade de adaptação e deram o seu melhor no contexto histórico, político e social do seu tempo.

Terminados os períodos de prestação do serviço militar, os conscritos retomaram as suas vidas civis, mas não esqueceram as amizades nem os laços de solidariedade que criaram com os «irmãos de armas», europeus e africanos. Por seu turno, os militares dos quadros permanentes cumpriram sucessivas comissões de serviço, quase ininterruptamente ao longo dos treze anos do conflito. Com pouco mais de trinta anos de idade eram veteranos experimentados, com o custo de um considerável desgaste humano.

Muitos já não estão entre nós pela força inalterável das leis da vida.

E vários milhares foram aqueles que perderam a vida prematuramente, dando prova do seu compromisso com o próprio sangue e vida. Os seus nomes perduram nas lápides colocadas nas paredes fronteiras a este Monumento. E estão guardados nos nossos corações. Nunca os esqueceremos.

Temos sido os depositários do seu legado, mas essa tarefa deverá prolongar-se muito para além do nosso tempo, como uma responsabilidade imprescritível da comunidade nacional, em nome da qual combateram. Confiamos que a geração dos nossos filhos e as seguintes não deixarão apagar ou esbater a sua memória.

Infelizmente, a guerra e a violência não desapareceram no mundo e o atual contexto internacional reforça a ideia de que a segurança coletiva exige que se trabalhe por ela, por vezes longe das fronteiras nacionais.

O contributo de Portugal para a manutenção da paz e segurança internacionais é conhecido. O custo desse esforço já se traduz em novas lápides colocadas no lado poente deste Monumento, dedicadas aos militares portugueses que perderam a vida em operações das Forças Nacionais Destacadas.

Nesta cerimónia, não posso deixar de recordar dois militares notáveis, recentemente desaparecidos. Refiro-me ao Comendador Arruda, que desenvolveu uma atividade notável à frente da Associação dos Deficientes das Forças Armadas e ao General Altino de Magalhães que liderou a comissão executiva encarregue da edificação deste Monumento.

Combatentes

As Forças Armadas de hoje são muito diferentes das que conhecemos na nossa juventude. Diferentes na estrutura, na organização, nos domínios de atuação, nos recursos e no seu significado cívico.

Mas os princípios e valores militares fundamentais continuam a ser os mesmos, sem qualquer desvalorização. Entre outros: o moral que ajuda a resistir à adversidade, à fadiga e ao medo; o compromisso de servir onde e quando necessário; a coragem; a disciplina; a integridade; a lealdade pessoal e institucional; a moderação; o respeito da pessoa humana.

Estes valores, em qualquer época ou circunstâncias, firmam padrões de comportamento assentes na decência, no decoro, na compaixão e na justiça, que são atributos essenciais dos militares no campo de batalha.

A presença de antigos combatentes nesta concorrida cerimónia, honra-nos a todos. Ao longo da vossa vida enfrentaram e suplantaram muitos desafios. O maior de todos os desafios tem sido a disponibilidade, nunca recusada, de servir Portugal e os portugueses. Assim foi, assim é, e assim será.

Honra aos combatentes. Viva Portugal.

10 de junho de 2019

João Manuel Lopes Pires Neves, Vice-almirante, REF